



# Biograph



---

## IDENTIDADE ÉTNICO-CULTURAL POLONO-BRASILEIRA E AGENCIAMENTO DA MEMÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE

FABIANA REGINA DA SILVA /Doutoranda em História - Universidade Federal de Santa Maria – [fabianareginadasilva@yahoo.com.br](mailto:fabianareginadasilva@yahoo.com.br)

JORGE LUIZ DA CUNHA /Orientador – Docente no Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Santa Maria – [jlcunha@smail.ufsm.br](mailto:jlcunha@smail.ufsm.br)

**Apoio:** CAPES

### Introdução

Nos últimos anos, a comunidade de descendência polonesa no Brasil tem travado uma constante atividade em relação à emergência de uma memória mobilizada para a constituição em processo de identidade étnico-cultural polono-brasileira. Essa memória é aliada à identidade por vezes um processo de enquadramento a partir de resquícios de presença e usos do passado, em soma com escolhas, entrelaçamentos e representações contemporâneas, a partir de uma perspectiva instrumental de etnicidade. Nesse processo, reavivar, criar e reeditar significações culturais tem sido uma constante, dentre tais ações, podemos destacar a revitalização de associações, sociedades e clubes culturais em diferentes estados e regiões do país, em maior número no sul do país, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, entre estas, a Sociedade Águia Branca em Rio Grande – RS, Sociedade Polônia em Porto Alegre - RS, Sociedade Tadeusz Kosciuszko **em Curitiba – PR, entre outras**, além, de organizações como a Representação da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil - Braspol.

O envolvimento com a temática de pesquisa tem nos levado a acompanhar as diferentes ações da comunidade polono-brasileira, divulgadas tanto em meios impressos, quanto, radiofônicos e comunitários, mas, principalmente nas mídias digitais, em *sites* e

espaços de redes sociais como o *facebook*. Acompanhar esta dinâmica também nos faz perceber que os processos de dinamização étnico-culturais e identitários entre polono-brasileiros recebem esta roupagem durante as últimas décadas, fortalecidos com acontecimentos como a emergência de um papa polonês: o papa João Paulo II, eleito em 1978. Percebemos aí uma emergência memorial, um crescente uso do passado, a importância social e política das representações (CATROGA, 2015, p. 74). Esta questão vem sendo tratada em estudos atuais por teóricos como Andreas Huyssen (2014, p.177), destacando um “*excesso de memória*” e um “ataque do passado ao futuro”, e por Joel Candau (2014, p.10) quando afirma que o mundo está sendo atingido por uma “*onda memorial*” como “resposta às identidades sofredoras e frágeis”.

Durante os séculos 19 e 20, tais articulações se davam de forma mais concreta e intensa nas Sociedades Escolares Étnicas polono-brasileiras – iniciativas particulares de educação escolar, empreendidas a partir do grupo étnico em regiões de colonização e de inserção imigrantista e migrante. Referindo-se a estas, o pesquisador do tema Lúcio Kreutz (2001, p. 123) afirma que “a educação e a escola são um campo propício para se perceber a afirmação dos processos identitários e os estranhamentos e as tensões decorrentes da relação entre culturas”. No contexto social da escola se processam memórias e identidades. Com o que corrobora Gluchowski (2005, p. 149) quando destaca que “a escola polonesa é o único fundamento de um trabalho sistemático pela manutenção do *polonismo* no Brasil”.

Dentre os suportes escolhidos para esta análise, situamos a página na *web* da Representação da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil – Braspol e a publicação da Revista de Reflexão Brasil-Polônia: *Polonicus*<sup>1</sup>, com o título: *A Comunidade Polônica Brasileira e sua visão da Polônia e do Polonismo*; em relação a este último, ao analisar a questão da pertença identitária a uma “comunidade polônica”, a pesquisadora de naturalidade polonesa, membro do Centro de Estudos Latino-Americanos em Varsóvia – CESLA<sup>2</sup>, Renata Siuda-Ambroziak na reflexividade constitui a tessitura da narrativa autobiográfica rememorando suas experiências e percepções de pesquisa ligadas à

---

<sup>1</sup>Página da Revista de Reflexão Brasil-Polônia: *Polonicus*: Disponível em: <http://www.polonicus.com.br/site>. Acessado em: 10 de janeiro de 2016.

<sup>2</sup> Página do Centro de Estudos Latino-Americanos em Varsóvia – CESLA: Disponível em: <http://www.cesla.uw.edu.pl/cesla/>. Acessado em: 10 de janeiro de 2016.

“comunidade polônica” no Brasil. Um processo em que “A compreensão desenvolvida a partir da inteligibilidade de sua própria vida revela ao pesquisador a capacidade epistemológica de aderir a sentidos que não eram os seus e reconstruir relações significantes particulares ao seu objeto de estudo”, ainda, “uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos”, “um material bruto que, uma vez submetido à triagem e recortes, pode dar acesso de forma concreta e legível aos fatos sociais e aos comportamentos coletivos” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 26-29).

### **Agenciamento da memória e identidade étnico-cultural polono-brasileira na contemporaneidade: algumas reflexões**

A presença no Brasil de cidadãos que ainda vivem, relacionados às migrações internacionais dos séculos 19 e início do século 20 são bem pequenos. Mesmo assim, em um país caracterizado pela composição multiétnica e multicultural, seus descendentes continuam nominando-se italianos, poloneses, alemães... Dentre estas populações, há também quem assuma o duplo pertencimento identitário hifenizado: polono-brasileiros e há quem se identifique apenas como brasileiro.

[...] “em princípio a questão do sentimento do polonismo, da cultura e da identidade polonesa deveria ser, passados mais de cem anos, um assunto encerrado ou – antes – inexistente. Da mesma forma que o interesse pela Polônia e pelos poloneses, no seio da colônia polonesa brasileira, deveria ser inteiramente marginal. Mas isso muitas vezes não acontece. Por quê?” (SIUDA-AMBROZIAK, p. 92-93, 2011).

Quais as verdadeiras motivações para acionar o pertencimento étnico-cultural identitário?

O que é a comunidade polônica, ou antes – quem faz parte dessa comunidade? Será essa comunidade formada pelos poloneses que vivem no Brasil? Ou será antes a comunidade das gerações sucessivas dos imigrantes, agora já constituída de brasileiros? Será que a comunidade polônica é formada por aqueles que tomaram a decisão consciente de partir ou por aqueles que de alguma forma

foram forçados a fazê-lo? A comunidade polônica são aqueles que mantêm contatos com o país de origem ou aqueles que não o conhecem nem de ouvir falar e algumas vezes não sentem a necessidade de conhecê-lo? Ou serão antes aqueles que procuram conhecer as suas raízes, que se congregam em associações e organizações, que fundam bibliotecas, ou ainda aqueles para quem essas coisas não fazem diferença? A comunidade polônica serão os líderes polônicos, ou antes, atores anônimos que animam localmente o polonismo nas pequenas vilas com a tradicional bênção dos alimentos na Páscoa ou com um conjunto folclórico? Será a comunidade polônica brasileira a Polbras ou a Braspol – ou talvez elas sejam duas comunidades distintas? E, caso sejam todos dentre os mencionados, o que propriamente significa esse termo e como pesquisá-lo? O que para essas pessoas e para a sua identidade pode significar a Polônia e o polonismo, o que pode significar o polonês, ser polonês, ser polono-brasileiro ou brasileiro de origem polonesa? O que para eles pode ser a Polônia e o que nunca será, porque simplesmente não pode ser? (SIUDA-AMBROZIAK, p. 92-93, 2011).

Questionamentos como os acima mencionados tem motivado pesquisas de pesquisadores de diferentes áreas e em relação a diferentes distinções e grupos étnico-culturais. Na verdade, são todas questões muito pertinentes, que movem os seres humanos e suas existências e mostram como “memória e identidade estão indissolúvelmente ligadas” nestes processos sociais, sendo que a identidade por nós aqui tomada seria “um estado psíquico e social” (CANDAU, 2014, p. 10).

Para Pollak (1989, p.2) “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. A referência de Pollak ao fato social faz a crítica para a forma como o sociólogo Maurice Halbwachs pensava a memória e seu caráter coletivo, fundada na retórica nacionalista, para ele, assim como para Candau (2014), esta pode ser vista como uma faculdade individual, que no trabalho da memória, pode passar para formas coletivas a partir de diferentes manifestações da memória que coexistem. Nesse sentido, as manifestações da memória são assim desenvolvidas por Candau (2014, p. 21-23):

- *protomemórias* – memória social incorporada “no âmbito do indivíduo”, imperceptível, presente nas atitudes sem tomada de consciência, *habitus* e socialização de “saberes e experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas”;

- *memória propriamente dita* - “essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento”, é “evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas”;  
- *metamemória* – “que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz da sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela vive”; está mais ligada a memória coletiva;

No caso da identidade étnico-cultural como processual e socialmente construída, assim o percebem na emergência de estudos relacionados às definições étnico-culturais e identitárias tangenciadas inicialmente nos anos 1960 e 1970, principalmente por antropólogos e sociólogos. Ao pensar a etnicidade em si, as *Teorias da Etnicidade* desenvolvidas no século 20, por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fernart (2011), além de Fredrik Barth que irá discutir os Grupos étnicos e suas Fronteiras a partir do mútuo reconhecimento. Tais pesquisadores destacam que a identidade étnica caracteriza-se por vezes diferente das demais identidades coletivas, por ser orientada para o passado através da memória, ainda, adotam diferentes concepções sob a égide das quais a etnicidade é mobilizada, dentre estas, destacam a primordialista, mobilizacionista e a instrumentalista. A primeira está mais ligada às definições de laços biológicos, de raça e nacionalidade, já a segunda e a terceira, tem uma perspectiva muito mais política e mobilizadora a partir da definição de interesses políticos, econômicos do grupo.

Siuda-Ambroziak (2011), quando menciona no trecho: “O que da herança polonesa é útil e prático, o que jamais o será?” e “O que vale a pena saber, lembrar sobre a Polônia, e o que seria melhor esquecer?” emite pistas que indicam sua crença de que a etnicidade aí está sendo mobilizada em uma perspectiva instrumentalista, e, mais do que isso, na segunda parte do trecho vai revelar sua crença em uma memória enquadrada, passível de esquecimentos intencionais e seletividade, quando, para Pollak (1989, p. 7):

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de

Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência.

Fortalecendo as pistas de sua compreensão da etnicidade polono-brasileira e sua relação com a perspectiva instrumentalista, Siuda-Ambroziak (2012, p. 96) questiona as cobranças de apoio econômico à Polônia para “manifestações de atividade polônica” e a “consequente política de reivindicações de a Polônia apoiar financeiramente diversas iniciativas, mais ou menos bem sucedidas, de renascimento do polonismo”. Pergunta ainda: “Quem deve ser responsabilizado e pagar por isso? Será que o “sentimentalismo polônico” deve então ficar acima do bom senso e do simples cálculo econômico?”.

Na página da Braspol<sup>3</sup>, assim como nas sociedades, associações e clubes polono-brasileiros, como menciona Pollak (1989, p.7), “das interpretações do passado que se quer salvar”, há diversas formas de fortalecer a definição de características, signos e atitudes que embasam as questões étnico-culturais e identitárias, entre elas, práticas como oficinas de culinária polonesa e pratos típicos como *pierogui*, *czarnina*, danças e vestes típicas, exposições, saraus, vitrines literárias e artísticas, práticas religiosas, elaboração de jornais, entre eles o *Lud* e *Kurier*, e revistas como a *Polonicus*, entre outras, festas, símbolos nacionais da Polônia (bandeira, brasões), artesanato, arquitetura, turismo, história e historiografia, divulgação de notícias, fotos, vídeos, documentários, particularidades, questões políticas, demográficas, biografias, tradições (benção após o parto, lenços, festa da colheita...), heróis poloneses, órgãos diplomáticos, governamentais, institucionais, suas representações e sedes.

A Braspol é uma organização institucionalizada de representação, com estatuto, efetivação de poderes decisórios através de assembleias, conselhos, congressos, núcleos e diretoria. Através desta, se articulam projetos como o Projeto Memória:

**a) O QUE É:** É um PROJETO que visa cadastrar todos os sinais da presença da imigração no Brasil. Precisamos conhecer todos os sinais das ações dos nossos pioneiros. Temos que conhecer o que existe efetivamente de sinais no Brasil, desde o princípio até agora. Indicamos os sinais mais

---

<sup>3</sup> Página da Braspol: Disponível em: <http://www.braspol.org.br/index2.php>. Acessado em: 05 de janeiro de 2016.

significativos que podem ser encontrados em qualquer lugar do nosso Brasil, quais sejam: nomes de ruas, praças, escolas, bibliotecas, postos de saúde, creches, rios, loteamentos, edifícios, acidentes topográficos, igrejas e capelas com santos poloneses como padroeiros, congregações religiosas, cemitérios históricos, estátuas, placas, obeliscos, portais e outros.

**b) OBJETIVOS**

O principal objetivo é conhecermos o que está registrado ou perpetuado e de alguma forma reunir estes dados e publicá-los para o conhecimento de todos no Brasil e na Polônia.

**c) SINAIS DA POLONIDADE EM SUA COMUNIDADE**

É sumamente importante que em cada localidade onde habitam os polônicos, que os mesmos, deixem os seus sinais ao conhecimento de todos através de denominação de logradouros públicos, educandários, centros de saúde, monumentos, portais nas entradas das cidades e dezenas de outros sinais capazes de perpetuar e valorizar a sua presença na história local. Não podemos deixar que o tempo apague os sinais da sua presença através de sinais concretos.

**d) COMO CONTRIBUIR COM INFORMAÇÕES**

Você que valoriza as suas raízes, você que tem a consciência da perpetuação de sinais polônicos, poderá contribuir de forma decisiva, enviando tais nomes ou indicações para a BRASPOL Nacional, tanto da sua localidade como de qualquer lugar do Brasil. Cada informação será mais um sinal desta odisséia da imigração polonesa. Se sua comunidade não tem nenhum sinal, significa que os polônicos vivem, mas não existem! Vamos lá, formemos a BRASPOL que já é o primeiro sinal e o restante vai se acrescentando para honrarmos a memória dos nossos pais, avós e outros, que já deram as suas vidas para que nós existíssemos (BRASPOL).<sup>4</sup>

As informações disponibilizadas na página nos conduzem para a percepção de uma política de memória adotada através de uma narrativa heróica, epopéica, conservadora, na materialização de “lugares de memória”, quando, “A razão fundamental de ser de um lugar de memória, observa Pierre Nora, ‘é a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte’.” (CANDAU, 2014: 156-157).

Quanto à orientação da identidade étnica para o passado através da memória, já mencionado anteriormente, podemos habilitar Chartier (2010, p. 21), para quem, “a memória, seja ela coletiva ou individual”, confere “uma presença ao passado, às vezes ou

---

<sup>4</sup> Texto da página da Braspol: Disponível em: <http://www.braspol.org.br/conteudo.php?id=104>. Acessado em: 20 de março de 2016.

amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história”. Ao se estabelecer políticas de memória e presença de passados “O controle da significação e a imposição do sentido são sempre uma questão fundamental das lutas políticas ou sociais e um instrumento maior da dominação simbólica” (CHARTIER, 2002).

Numa localidade foi-me apresentado um professor local de cultura e língua polonesa. Acontece que era difícil entender-se com ele na língua polonesa utilizada pela minha geração... Quando, após a troca de algumas palavras, resolvemos passar para o português e falar sobre a cultura polonesa, a respeito do que ele ensinava e do que sabia, fiquei simplesmente pasma e envergonhada pelo que sabia eu mesma, recentemente enviada da Polônia com o objetivo de pesquisar essa comunidade polônica – sob muitos aspectos mais polonesa do que os atuais poloneses! Quando me pediram que esboçasse para as crianças um desenho recortado de Łowicz e um traje popular pomerano, eu me rendi, e a minha vergonha atingiu o zênite... Afinal, como polonesa, eu não fazia ideia a respeito das mais belas tradições da cultura polonesa e do seu maravilhoso folclore, com que se encantavam os polono-brasileiros locais. Uma excelente ilustração para o provérbio polonês: “Elogiando o alheio, vocês desconhecem o que é de vocês...” (SIUDA-AMBROZIAK, p. 98, 2011).

Em uma sociedade tão diversa quanto à brasileira, onde, a partir de 1938 se insere uma traumática política de nacionalização que prevê a homogeneização e a consolidação de uma projetada “identidade nacional” coibindo manifestações da etnicidade, após a redemocratização, o fortalecimento e a manutenção de grupos com caráter étnico-cultural identitário se processualiza a partir de escolhas e interesses reelaborados, adequados aos interesses deste novo contexto, configurados como destaca Pollak (1989, p. 2-3) na “memória em disputa” na “irrupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente”. Para o autor, “Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades”.

Para Huyssen (2014, p. 181), “A memória é sempre o passado presente, o passado comemorado e produzido no presente, que inclui, de forma invariável, pontos cegos e evasões”. “A memória nunca é neutra”. Assim, o passado representificado é sempre uma luta perpassada por diversas variantes. Ao longo da narrativa da pesquisadora há uma



disputa de memória dada nas suas percepções sobre a comunidade polono-brasileira em relação à Polônia e o *Polonismo*, e, aquilo que talvez seja a Polônia de verdade e/ou o que gostaria que seus descendentes em outro país a enquadrassem, gerando assim, “práticas de memória conflitantes e fragmentadas, perpassadas por entrelaçamentos e/ou suplantações” (HUYSSSEN, 2014, p. 182-183).

Para Catroga (2015, p. 74) “Ademais, se a memória é instância construtora e cimentadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objeto de poder (es) mediante a seleção do que se recorda e do que, consciente ou inconscientemente, se silencia”. No nível do grupo, embora sempre passível de diferentes manifestações da memória, considerando que “ela também está sujeita a uma sobredeterminação social”, “quando ela funciona como *metamemória*, a margem da manipulação e de uso político-ideológico aumenta” (CATROGA, 2015, p. 10). Na sua dinamização, a *metamemória* é tomada no grupo a partir de representações compartilhadas, “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAUI, 2014, p. 24).

A pesquisadora vai trilhando um caminho onde emerge percepções do que seria para ela, enquanto cidadã polonesa, a Polônia e o *Polonismo*, levantando a dimensão processual, histórica, dialética, de movimento, de reelaboração das variáveis culturais e desprezando a noção imutável, dada, definida e decisória, conservadora, colecionável, que para ela muito tem se utilizado no agenciamento de memórias do grupo no contexto brasileiro. Para Siuda-Ambroziak (2012, p. 99) “Se assim é, então a imagem da Polônia e dos poloneses em meio à maior parte da comunidade polônica brasileira não pode ter nada em comum com a Polônia atual, que essas pessoas nem conhecem e – às vezes – da qual absolutamente não necessitam”. Ela conclui:

Bem, mas afinal de contas a Polônia atual não são os desenhos recortados ou os trajes da Pomerânia, ou talvez seja muito mais do que isso. É a excelente música, é um dos melhores cinemas do mundo, são os festivais de cultura brasileira na Varsóvia coberta pela neve, é a Grande Orquestra da Festiva Ajuda, continuando a mostrar a solidariedade de uma grande nação no contexto do etos do “Solidariedade” que aos poucos vai definindo nessa nação. A Polônia e o polonismo são os assuntos diários, os problemas e as eleições, em que a vida agitada nos faz mergulhar, perdendo-nos

muitas vezes na normalidade e nos afazeres diários – se a segunda linha do metrô deve ir a Targówek ou a Bermowo, se o preço da gasolina pode chegar a 6 zlóti o litro e se o livre mercado é o remédio para tudo, até para a especulação... Mas essa Polônia e esse polonismo não podem deixar de ser percebidos no Sul do Brasil, onde algumas vezes a farmácia da esquina se chama “Jeszcze Polska nie Zginęła” (“A Polônia ainda não pereceu” – palavras iniciais do Hino Nacional polonês), da qual até hoje guardo uma etiqueta promocional para mostrá-la aos que duvidam. E a residência da família Hamerski em Nova Prata (RS) é uma casa de madeira no estilo dos montanheseiros da Polônia, cercada de pinheiros e com uma bandeira branca e vermelha tremulando na varanda... (SIUDA-AMBROZIAK, p. 98-99, 2011).

Agenciar a memória no contexto do grupo étnico é uma prática quase sempre intencional. É a partir dela que se mobilizam “significantes da identidade” (CANDAU, 2014). Nesse sentido, a atuação das instituições e órgãos representativos do grupo revela-se um importante espaço para a emergência de identidades constituídas no direito e nas possibilidades da memória por estes instrumentalizada.

### **Algumas considerações**

Aqui pensamos a memória não como um fato social, uma cristalização coletiva, assim como a identidade e/ou (as) identidade(s) que compõe o tecido daquilo que define o *Polonismo*, a *Comunidade Polônica* no Brasil e/ou os polono-brasileiros não poderiam ser. Há que ser em processo, em disputa, pautado nas significações que perpassam os sujeitos, nas relações interétnicas, nos diálogos interculturais e transnacionais, no confronto de aspectos culturais, no movimento e trabalho da memória, na dinâmica da passagem para a dimensão coletiva da memória e identidade, na escolha de definições e pertencimentos mutáveis, passíveis às circunstâncias.

Assim, as memórias e identidades dependem uma da outra e estão imersas no complexo contexto em que emergem. Mais do que as definições culturais, não estão separadas do mundo político, ideológico, econômico para os quais são instrumentalizadas. Nesse sentido, compreendemos que a discussão em um viés cultural é necessária no intuito de propiciar reflexões sobre estas emergências em nossa sociedade, propiciando o estranhamento daquilo que é fechado, enquadrado, o dimensionamento do papel e dos usos do passado a partir da representificação, e, como isso tem se processado e apropriado em

diferentes momentos da história. São dimensões que se consideradas, possivelmente resultem na qualificação das relações sociais.

## **REFERÊNCIAS:**

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 21- 48. v. II.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1982.

\_\_\_\_\_. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados. vol. 5, nº 11, São Paulo, Jan-Abr. 1991. p. 173-191.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, 78p.

CERTEAU, De Michel, A Operação historiográfica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2010, pp. 65-119.

GARDOLINSKI, Edmundo. **Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976. 138p.

GLUCHOWSKI, Kazimierz "Os poloneses no Brasil", Porto Alegre: Rodycz&Ordakowski, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, 214p.

KREUTZ, Lúcio. Imigrantes e projeto de escola pública no Brasil: diferenças e tensões culturais. In: Sociedade Brasileira de História da Educação (Org.) **Educação no Brasil: história e historiografia**. Coleção Memória da educação. Campinas, São Paulo: Autores Associados/SBHE, 2001, p. 119-144.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, 200-212

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

WACHOWICZ, Ruy. As escolas da colonização polonesa no Brasil. In: **Anais da comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Champagnat, 1970.